



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

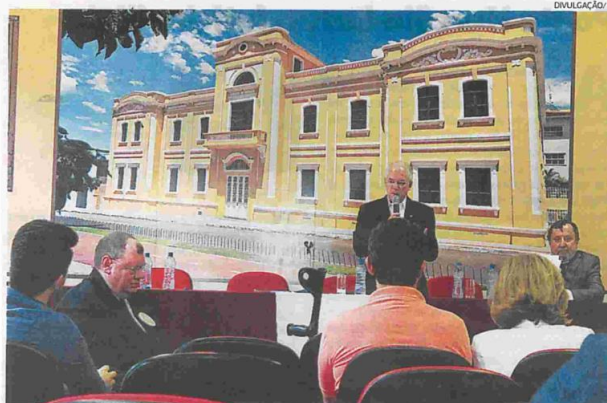
28 e 29 de dezembro de 2019

Notícias do Dia Memória

“Levante contra erro histórico”

Levante contra erro histórico / Imigração italiana / Colonizadores / Vale do Rio Tijucas / Colônia Nova Itália / Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina / IHGSC / Movimento Santa Catarina Requer a Correção do Erro Histórico / Paulo Kons / Historiador / José Boiteux / Faculdade de Direito

ND MEMÓRIA 12 FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 28 E 29 DE DEZEMBRO DE 2019



Em novembro, encontro deliberou sobre ações populares e projeto de lei para que decisão seja revista

Movimento **tenta reverter** decisão do governo federal, com aprovação do Congresso, de tirar de Santa Catarina a condição de Estado **pioneiro da imigração** italiana no país

Levante contra erro histórico

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
redacao@ndmais.com.br

Na prática, Santa Catarina abriga a primeira colônia italiana do Brasil, no Vale do Rio Tijucas, onde ainda residem muitos descendentes dos colonizadores que chegaram em 1836. No papel, quem detém essa primazia é o Espírito Santo, graças a uma lei federal que atribui ao município de Santa Teresa, na região serrana daquele Estado, o título de pioneiro da imigração italiana no país, onde as primeiras famílias se instalaram 37 anos e 11 meses depois dos registros catarinenses. A lambança foi feita pelo Congresso Nacional, que aprovou a lei nº 13.617/2018, e pelo ex-presidente Michel Temer, que a sancionou. Ao Estado sobrou o direito de esperar, mas o movimento pela reparação vem crescendo e promete se intensificar nos próximos meses.

No fim de novembro, por exemplo, uma reunião realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC), em Florianópolis, colocou na mesma sala uma série de estudiosos, pesquisadores, parlamentares, representantes do Judiciário e líderes comunitários que não aceitam o canetaço do Congresso e do ex-presidente e esperam devolver, por direito, a condição de pioneira na imigração à Colônia Nova Itália, situada a 12 quilômetros da sede do municí-

pio de São João Batista, em direção ao distrito de Tigipió e à cidade de Major Gercino.

O senador Espiridião Amin, o ex-senador Casildo Maldaner, o procurador-geral de Justiça, José Galvani Alberton, e o presidente do Instituto Histórico e Geográfico, Augusto César Zeferino, são algumas das figuras públicas que abraçaram a causa e fazem parte do movimento “Santa Catarina Requer a Correção do Erro Histórico”, que já definiu os próximos passos, incluindo uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin) a ser entregue pelo Ministério Público do Estado ao procurador-geral da República, Augusto Aras. O encontro no IHGSC deliberou também pelo ingresso com uma ação civil pública, uma ação popular e um projeto de lei a ser apresentado às duas casas do Congresso Nacional para corrigir o equívoco cometido quase dois anos atrás.

O pivô da reação é o historiador brusquense Paulo Vendelino Kons, inflamado defensor do direito catarinense de reverter a decisão imposta por Brasília. “Infelizmente, os representantes catarinenses foram, no mínimo, relapsos quando ajudaram a aprovar a lei nº 13.617”, diz o historiador, que viveu parte da infância na comunidade onde os italianos se fixaram há 183 anos. Eram 16 deputados federais e três senadores que, segundo Kons, transformaram Santa Catarina em “motivo de chacota nacional”.

Da Sardenha aos sertões catarinenses

Para o historiador Paulo Kons, o pioneirismo catarinense na imigração italiana no Brasil é fato histórico incontroverso. Em sua argumentação, já encaminhada aos representantes do Estado no Congresso Nacional, ele cita Franco Cenni, autor do livro "Italianos no Brasil: andiamo in 'Merica'" (Edusp, 2003): "O Estado de Santa Catarina foi pioneiro em fato de colonização italiana. Já em 1836, o suíço Enrico Schutel, agente consular do rei da Sardenha, fazia chegar ao Brasil 180 imigrantes sardos que no dizer de Lucas Boiteux eram indivíduos de constituição robusta, alegres, corajosos,

exaltados em suas paixões. Schutel e o inglês Carlos Demaria tinham conseguido do governo provincial uma concessão de mil braças, ainda não demarcada e em caráter provisório, à margem do rio Tijucas Grande, nas imediações de São João Batista, então pertencente ao município de São Miguel, onde fundaram a Colônia Nova Itália".

Em novembro de 2016, nas comemorações dos 180 anos da chegada aos primeiros italianos ao país, foram lançadas as sementes da Associação dos Descendentes e Amigos do Núcleo Pioneiro da Imigração Italiana no Brasil (Adanpib), que

tem como patrono o príncipe imperial do Brasil Dom Bertrand de Orleans e Bragança e que também participa da mobilização pela correção do erro perpetrado pelos parlamentares federais.

Fundada oficialmente em março de 2017, a Adanpib tem por objetivo geral o "resgate e a preservação da história, da cultura e da fé trazida pelos imigrantes italianos pioneiros no Brasil, que fundaram a Colônia Nova Itália, o pioneiro núcleo de italianos em terras brasileiras, no mês de março do ano da graça do Senhor de 1836, e a maior integração entre descendentes e amigos da comunidade".

Cartaz chama a atenção para o erro que reconheceu o Espírito Santo como o berço da colonização italiana no Brasil



REPRODUÇÃO/ND

Clã dos Boiteux teve origem na colônia

A comunidade da Nova Itália perdeu relevância com o tempo, mas está ali a origem de famílias tradicionais como Zunino, Peixer, Sgrott, Sartori e outros que se espalharam pela região, incluindo a Grande Florianópolis. A linhagem mais importante, contudo, é a dos Boiteux – o comerciante suíço-francês Luc Montandon Boiteux (Neuchâtel, Suíça, 1798/Desterro, SC, 1842) foi o primeiro diretor da Nova Itália. Esta família deu ao Estado grandes nomes na política e na literatura. José Arthur Boiteux, historiador, desembargador, jornalista e advogado, é o criador do Instituto Histórico e Geográfico, uma das mais antigas instituições culturais do Estado, em atividade desde 1896.

Patriarca da família Boiteux no Brasil, o tenente-coronel Henrique Carlos Boiteux nasceu em 11 de fevereiro de 1838 na Colônia. Era filho de



José Boiteux é filho ilustre da Colônia

Luc Montandon Boiteux e foi o primeiro superintendente municipal (prefeito) de Nova Trento, em 1894. Teve como filhos Hyppolito Boiteux, prefeito de Nova Trento (1895-1899), o almirante Henrique Boiteux, Maria Luiza Boiteux Piazza, Etelvina Boiteux Linhares, Eulália Boiteux Batista Pereira e o almirante Lucas Boiteux, o maior historiador naval brasileiro, que desenhou o brasão de armas do Estado de Santa Catarina.

Porém, o mais destacado dos filhos do patriarca José Arthur Boiteux, quatro vezes deputado e fundador da Faculdade de Direito de SC, em 1932, junto com Henrique Fontes, Othon Gama d'Eça, Nereu Ramos, Alfredo von Trompowsky e Fúlvio Aducci.

"José Boiteux é o maior intelectual de Santa Catarina", afirma Paulo Kons, para reforçar

sua campanha. Outro historiador, Walter Piazza, é descendente direto de Boiteux e fala da colônia em seus livros. "Ainda há bisnetos dos pioneiros residindo na comunidade", diz Kons. São agricultores, extrativistas e pequenos comerciantes que não abandonaram a terra dos antepassados. Ali, existe hoje também uma pousada, e alguns moradores investem na vitivinicultura.

Os principais livros que fundamentam a posição do movimento são "Primeira página da colonização italiana em Santa Catarina", de Lucas Alexandre Boiteux (que Kons considera "a maior referência sobre a epopeia dos pioneiros da Colônia Nova Itália"), "Colonização italiana em Santa Catarina", de Walter Piazza, e "Os municípios de Tijucas e Porto Belo", de Henrique Boiteux.

É difícil anular a lei, comenta historiador

O presidente do IHGSC, Augusto César Zeferino, acha que anular a lei 13.617/2018 é uma missão inglória, embora haja pessoas dispostas a encarar o desafio. Com base na opinião do senador Esperidião Amin, ele diz que derrubar uma lei aprovada e sancionada é difícil, mas conta com o consenso, inclusive de historiadores capixabas, de que os parlamentares e o ex-presidente Michel Temer perpetraram um erro histórico grotesco. "Até nossos colegas do Espírito Santo se dizem envergonhados", conta Zeferino.

Faltam 17 anos para as comemorações do bicentenário da imigração italiana para Santa Catarina, mas alguns descendentes já começam a preparar a festa de 2036. "Estamos na contagem regressiva", informa o historiador Paulo Kons. Ele ressalta que 180 imigrantes desembarcaram em março de 1836 no porto de Nossa Senhora do Desterro e que 132 deles foram depois transferidos para a Colônia Nova Itália, transformada em berço da imigração italiana no Brasil.

Na época, cada pioneiro recebeu lotes onde, entre outras culturas, foram plantadas cana-de-açúcar e mandioca. Também houve contratempos, como o enfrentamento com os índios, que resultou em várias mortes, e uma grande enchente em 1838 que dizimou as plantações. Walter Piazza conta que em 1842 a colônia já era uma produtora importante de cereais, exportava madeira e desenvolvia satisfatoriamente a criação de gado.

Católicos em sua maioria, os descendentes mais idosos da comunidade ainda se comunicam em italiano, embora não consigam fazer com que os filhos e netos mantenham essa prática. Anualmente, em setembro, os moradores realizam uma festa na qual relembram suas tradições e as heranças das famílias pioneiras.

DC Revista e AN Revista (28/12 /2019 a 03/01/2020)
Capa, Contracapa e Reportagem Especial
"Cartão-postal de volta aos turistas e catarinenses"

Cartão-postal de volta aos turistas e catarinenses / Ponte Hercílio Luz /
Acervo Memória Política de Santa Catarina / Parceria / UFSC

nsc AN

DE 28 DE DEZEMBRO DE 2019 A 3 DE JANEIRO DE 2020

A NOSSA PONTE

Orgulho de Santa Catarina, a Ponte Hercílio Luz será finalmente reaberta no dia 30 de dezembro. Nesta edição especial, nossos repórteres e colunistas contam histórias da Velha Senhora e mostram como ela vai funcionar a partir de agora

Páginas 6 a 36

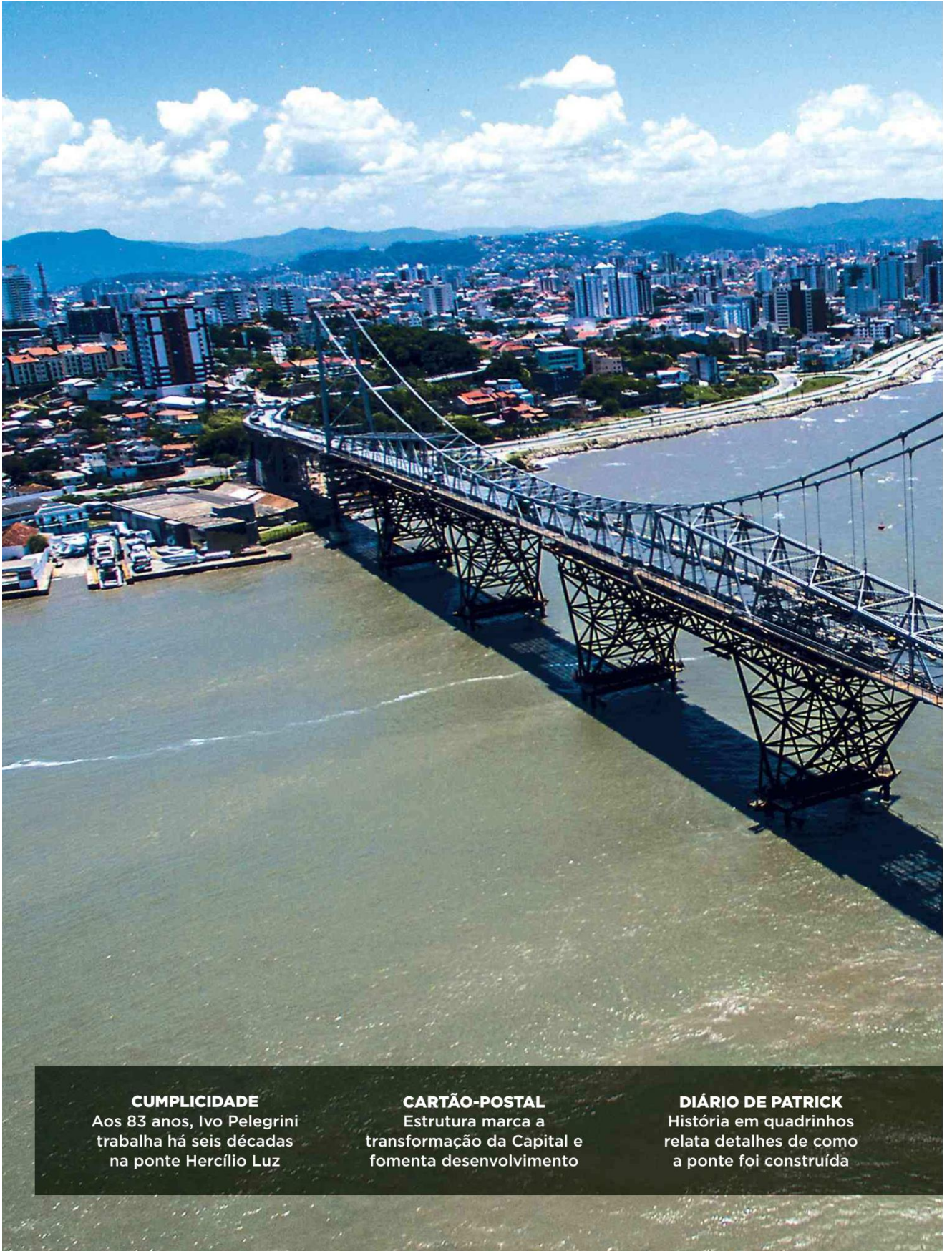
RÉVEILLON

Cascata com fogos de artifício inclui a ponte no roteiro da festa de ano novo

POLÍTICA

Moacir Pereria e Upiara Boschi falam do cenário político envolvendo a ponte





CUMPLICIDADE

Aos 83 anos, Ivo Pelegrini trabalha há seis décadas na ponte Hercílio Luz

CARTÃO-POSTAL

Estrutura marca a transformação da Capital e fomenta desenvolvimento

DIÁRIO DE PATRICK

História em quadrinhos relata detalhes de como a ponte foi construída

CARTÃO-POSTAL DE VOLTA AOS TURISTAS E CATARINENSES

Depois de 28 anos fechada, Ponte Hercílio Luz reabre no dia 30, marca a história de Santa Catarina e mexe com os sentimentos dos catarinenses



LUCAS PARAIZO E ÂNDERSON SILVA
lucas.paraizo@somosnsc.com.br
anderson.silva@somosnsc.com.br

Um dia histórico. É assim que será a data de 30 de dezembro de 2019. A reabertura do principal cartão-postal de Santa Catarina para uso e apreciação está sendo esperada desde 1991. Agora chegou o grande dia e a partir de 30 de dezembro turistas e catarinenses poderão passar pela ponte.

O que seria apenas uma estrutura para ligar a Ilha de Santa Catarina ao Continente ganhou vida e despertou sentimento ao longo desses últimos anos. Quem se envolveu na missão de reabri-la faz parte da história e guardará na memória a contribuição. É o caso do seu Ivo Pelegrini, de 83 anos.

Religiosamente, ele acorda antes das três da manhã para começar sua rotina. Primeiro reza na sala de casa — sem pedir, só agradecer —, depois sai por volta das 4h50min e pega o ônibus de Santo Amaro da Imperatriz para Florianópolis. Com o dia claro, chega ao posto de trabalho que ocupa desde sempre: a Ponte Hercílio Luz. Trabalha na ponte há 60 anos. Viu ela funcionando, acompanhou a interdição para carros em 1982 e a para pedestres em 1991. Viu o medo pelo risco de colapso e também todas as décadas de trabalho até hoje, que resultaram na reabertura deste histórico 30 de dezembro em que a emoção pelo retorno da ponte é misturada à indignação pelos mais de 30 anos de atraso.

Ivo fez de tudo na obra da Hercílio Luz. Quando os primeiros portugueses chegaram para trabalhar na obra de restauração, ele estava lá para remover o cemitério que havia ao lado da ponte e construir o escritório da empresa responsável pelos serviços. Durante a obra, trabalhou na coordenação das equipes que colocaram os tubos submersos, até voltar ao serviço que era a sua especialidade: com a equipe que cravava os rebites na estrutura.

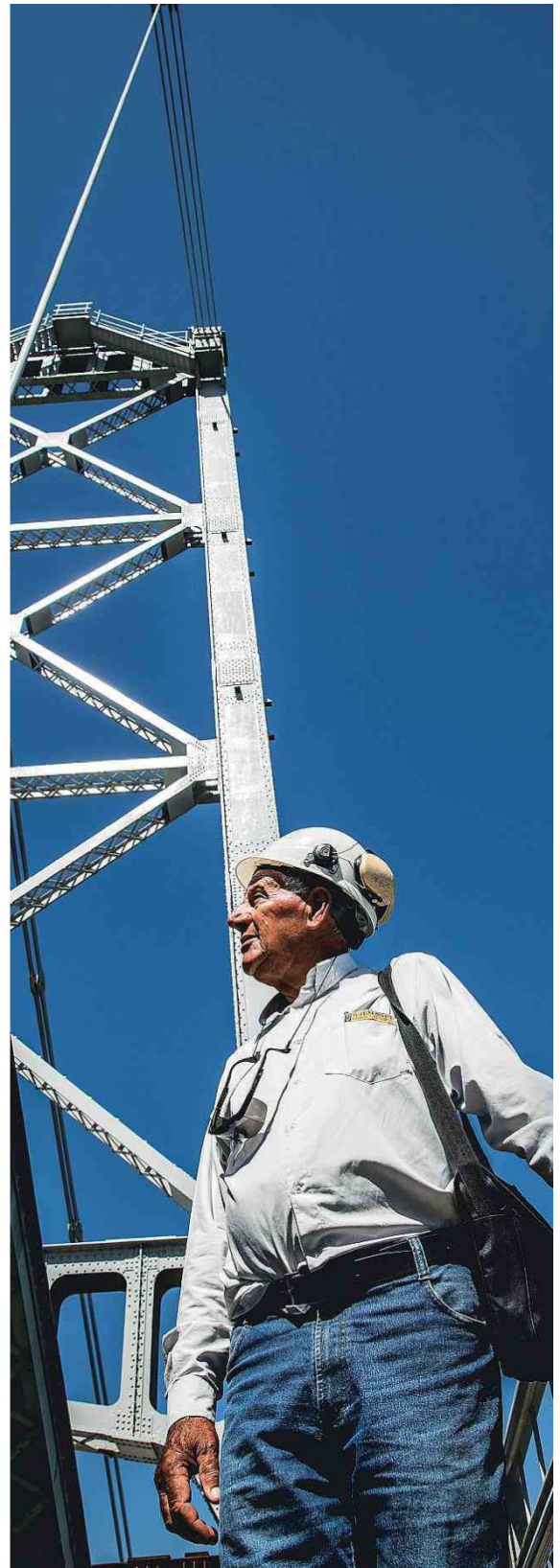
— Com a reinauguração eu vou pensar o que fazer agora. Parar eu não vou, se parar a gente morre. Quero continuar trabalhando aqui até onde der — diz o eterno trabalhador da obra.

Poucos têm uma relação tão duradoura com a ponte quanto Ivo, mas o laço de amor é compartilhado por vários outros trabalhadores da obra. Pessoas que chegaram a cruzar a Hercílio Luz na infância, guardam memórias, e nos últimos anos ajudaram na retomada daquele tempo. É o caso do técnico em segurança no trabalho Marcos Rogério de Souza, que brincava nos arredores da ponte quando era criança.

— Eu lembro que eu atravessava a ponte com o meu pai, ele era taxista, trabalhava com um Del Rey prata, ainda lembro do carro. A gente atravessava a ponte, tinha parentes ali no Estreito, brincava no parque perto da cabeceira da ponte e depois voltava. Quando fecharam para os carros a gente ainda passava em uma charrete, de um rapaz que lá no início cobrava para atravessar de cavalo.

Depois do dia 30 os funcionários da ponte terão uma visão diferente do local de trabalho, com um sentido ressignificado. Alguns devem partir para outras empreitadas, enquanto outros podem seguir na equipe de manutenção da estrutura, como é o desejo do Seu Ivo.

— Se depender de mim eu continuo. A ponte tá no meu sangue, a relação com ela não vai chegar ao fim, só no último dia de vida. **(COLABOROU LUIZA MORFIM)**



Ivo Pelegrini trabalhou 60 anos na reforma da Ponte Hercílio Luz

Um histórico de gastos, empecilhos e persistência

No começo da década de 1980, um estudo apontou que uma das 360 barras de olhal da estruturas, estava danificada. As barras são as peças que sustentam o vão central da ponte Hercílio Luz e dão a famosa curva arquitetônica à Velha Senhora.

Com isso, o Estado decidiu em 1982 interditar a ponte pela primeira vez. Entre idas e vindas, o tráfego até chegou a ser liberado novamente, mas foi totalmente fechado em 1991. Desde então, a Ponte Hercílio Luz seguiu circulando nos cartões-postais representando Santa Catarina e Florianópolis, mas nunca mais foi reaberta e em algumas vezes a reforma até entrou em descrédito da população. Das décadas de 1980 e 1990, foram diversos estudos e contratos para uma possível reforma, que só começaria a sair do papel em 2008. Só que os serviços eram lentos e não davam perspectiva de avanços. Em 39 anos, foram 30 contratos destinados a resolver os problemas.

O governo do Estado rompeu o contrato com a construtora responsável e contratou os portugueses da Teixeira Duarte para a reforma que ocorre desde 2016. Somente entre 2006 e o atual contrato, os gastos para a reforma são de R\$ 481 milhões. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) aberta na Assembleia Legislativa para investigar os gastos fala em R\$ 688 milhões entre 1980 e 2019.

Nos últimos três anos, a reforma trocou 60% das peças da Hercílio Luz. As barras de olhal, por exemplo, foram todas substituídas. Elas foram projetadas em Minas Gerais com tamanho específico para a ponte. Algumas das novas peças da estrutura também foram trazidas da Espanha. Uma das etapas mais complexas da obra ocorreu nos últimos dois anos, com a transferência de carga do vão central: 54 macacos hidráulicos ergueram a ponte em 80 centímetros para que os trabalhadores pudessem trocar as peças.

O contrato de reforma da ponte só termina quando as estruturas provisórias forem totalmente retiradas. Elas, aliás, vão servir de pontes em todas as regiões de SC: a defesa Civil espera fazer 535 estruturas para cidades que tiveram danos com chuvas.



Veja no NSC Total o especial sobre a Ponte Hercílio Luz



nsc tv

Vai ao ar NSC TV neste sábado (28) às 14h o programa A Nossa Ponte. Depois deste horário, pode ser visto no Globo Play.

O VALOR INVESTIDO

Entre 1980 e 2019, segundo CPI da Alesc, foram aplicados

R\$ 688.469.256,65

R\$ 631.850.653,31
gastos em recuperação



em um total de **20 CONTRATOS**

R\$ 56.618.603,34
gastos em manutenção



em um total de **10 CONTRATOS**

Entre 2006 e 2020 foram gastos, segundo portal da Transparência

R\$ 481 milhões

FECHAMENTO E OBRA

- 22 de janeiro de 1982**
Primeiro estudo aponta problema em uma das 360 barras de olhal, peças que sustentam a ponte Hercílio Luz
- 15 de março de 1986**
Foi reaberta com tráfego limitado
- 4 de julho de 1991**
Fechamento total da estrutura para o trânsito de veículos e pessoas
- 2006**
Primeiro contrato de manutenção foi assinado. Antes disso, todos os contratos eram referentes a projetos e manutenção
- 2014**
Rompimento do contrato com a Espaço Aberto: obra não evoluía
- 2015**
Assinatura de contrato emergencial para etapa "Ponte Segura" com empresa de MG
- 2016**
Contrato com a portuguesa Teixeira Duarte para reforma completa. Adiantamento de prazos: a obra deveria ter ficado pronta em outubro de 2018

Hercílio Luz iniciou a construção e não viu a ponte ficar pronta

Hercílio Luz nasceu em Desterro e morreu em Florianópolis. Mais que uma mudança de nome, as nomenclaturas diferentes da mesma ilha dividem bem como era a cidade em 1860, quando Hercílio Pedro da Luz nasceu, e como estava em 1924, quando o icônico governador de Santa Catarina faleceu.

Homenageado em uma das principais avenidas de Florianópolis, no aeroporto da Capital e na preservação de duas casas históricas (uma na ilha, outra em Rancho Queimado), além de um estádio em Itajaí e um clube de futebol em Tubarão, Hercílio Luz teve como maior honraria emprestar seu nome à ponte. Obra que teve os contratos de construção assinados por ele, então governador, no início dos anos 1920, e deveria se chamar "Ponte da Independência". Virou Ponte Hercílio Luz por homenagem ao político que, dois anos antes da inauguração — em 1926 —, faleceu sem poder atravessar a ligação que sonhou construir para acabar com a espera por balsas que ligavam o continente ao centro de Florianópolis. Era a grande obra que iria coroar uma mudança de hábitos, costumes e poder da capital catarinense, que deixaria de ser uma vila colonial desconectada do Estado. Nascido em maio de 1860, Hercílio Luz era filho de descendentes açorianos e bandeirantes. Seu avô, Joaquim Xavier Neves, foi deputado na Assembleia Legislativa Provincial de Santa Catarina por sete vezes, além de presidente interino da Província catarinense e eleito Presidente da República Juliana — cargo em que não chegou a tomar posse. Formado em engenharia civil com estudos no Rio de Janeiro e na Bélgica, Hercílio foi o primeiro governador republicano eleito por voto direto, em 1894.

Logo nos primeiros dias de mandato assinou a mudança do nome de Desterro para Florianópolis, em homenagem a Floriano Peixoto. Seguiu no cargo até 1898, depois disso ocupou cadeiras de senador e deputado federal até 1918, quando foi novamente eleito governador de SC, substituindo Felipe Schmidt. Em 1922 foi reeleito e iniciou a construção da ponte que ligaria a ilha ao continente.

Além da construção da ponte, o governo de Hercílio Luz ficou marcado pela obra de canalização do Rio da Bulha, na então chamada Avenida do Saneamento — que depois também passou a homenagear o governador e se tornou a Avenida Hercílio Luz, no Centro de Florianópolis. Foi a primeira grande obra de saneamento em Santa Catarina.

Casado com Etelvina Cesarina Ferreira da Luz, Hercílio teve 14 filhos.

**Com informações do acervo Memória Política de Santa Catarina, mantido pela Alesc em parceria com a UFSC*

DC Revista e AN Revista (28/12 /2019 a 03/01/2020) Reportagem Especial

“Livro relata os bastidores da construção da ponte”

Livro relata os bastidores da construção da ponte / Quadrinhos / Livro / Em busca da terra firme / Almiro Caldeira de Andrada / Ponte Hercílio Luz / Diário de Patrick / Editora da UFSC

>> REPORTAGEM ESPECIAL | A NOSSA PONTE

LIVRO RELATA OS BASTIDORES DA CONSTRUÇÃO DA PONTE

Quadrinhos baseados em relato publicado no livro “Em busca da terra firme” conta a história de um engenheiro norte-americano que veio trabalhar na obra junto com outros 18 técnicos dos Estados Unidos. Pesquisador diz que texto é baseado em fatos reais

ANDERSON SILVA
anderson.silva@somosnsc.com.br

Por si só, a Ponte Hercílio Luz é um livro de histórias. Um livro com o enredo recheado de idas e vindas, mas também de sentimentos e emoções. Mais do que a primeira ligação entre a ilha de Santa Catarina e o continente, a estrutura tornou-se um marco da evolução da Capital catarinense e o cartão-postal para todas as regiões do Estado.

Desde o começo da construção, em 1922, histórias de pessoas se confundem com a trajetória da Velha Senhora. Uma delas é contada no livro *Em busca da terra firme*, de Almiro Caldeira, que possui o

Diário de Patrick. O relato teria sido feito por um engenheiro norte-americano que veio trabalhar na obra junto com outros 18 técnicos dos Estados Unidos. Não há comprovação de que o diário foi realmente escrito por um dos trabalhadores da ponte, mas um pesquisador diz que o texto é baseado em fatos reais.

O Diário de Patrick conta toda a evolução da construção sob a visão do suposto engenheiro até um dia antes da inauguração, que ocorreu em 13 de maio de 1926. Ele foi publicado pelas editoras UFSC e Lunardelli, em 1992, dentro do livro “Em busca de terra firme”. O texto traz um misto de informações sobre a ponte, além dos sentimentos do americano sobre Flo-

rianópolis. O relato dele se confunde com os sentimentos atuais dos catarinenses em relação à ponte. Patrick chegou desacreditado com a cidade, o mesmo descrédito que ainda faz parte da rotina de parte da população de Santa Catarina em relação à Velha Senhora.

Mas, aos poucos, o engenheiro mudou a visão e se adaptou a Florianópolis, cidade que evoluiu consideravelmente depois da abertura da ponte, inicialmente chamada de Independência. Assim como aconteceu com Patrick, a ponte Hercílio Luz fez e ainda faz parte da vida de muitas pessoas.

Confira a seguir a reprodução da história de Patrick em quadrinhos:

 Acesse outros conteúdos em nsctotal.com.br

PATRICK

UM CONTO DA PONTE HERCÍLIO LUZ

Em 1922, Florianópolis se mantinha como uma capital com todos os ares de uma simpática província. Com o território espalhado pelo continente e ilha, a queixa da população era em relação a travessia, até então feita por balsas.

Mas o governador Hercílio Luz se prontificou em construir o elo que ligaria o continente à ilha.

O nome inicial foi Ponte da Independência, cujo projeto e construção ficaram aos cuidados de engenheiros norte-americanos, que também contrataram muitos operários catarinenses.

É neste ponto que nossa história começa...



Livre adaptação de 'O Diário de Patrick', publicado no livro 'Em busca da Terra Firme', de Almiro Caldeira de Andrada (1992, Editoras da UFSC e Lunardelli)



Pesquisa, roteiro e ilustrações: Ben Ami Scopinho

Pesquisa: Anderson Silva

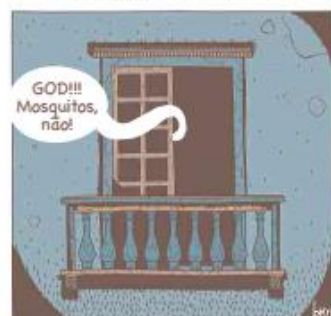




O cemitério
Por conta da construção da ponte e a necessidade das obras de acesso, o cemitério, instalado na cabeceira insular há mais de 80 anos, foi realocado para o Itacorubi entre 1923 e 1926, pouco antes da inauguração da ponte. Ganhou o nome de São Francisco de Assis.



Lá tinham sido sepultadas cerca de 30 mil pessoas. Os familiares dos mortos foram chamados e avisados da transferência através de editais publicados em jornais.

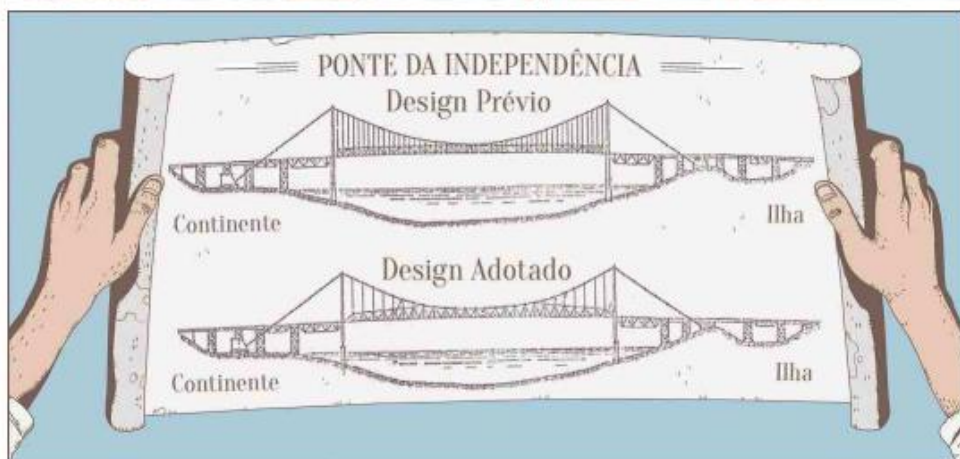


ANO UM 1923

Hoje fazemos um brinde para celebrar o início dos trabalhos, a que assistiremos de longe.



O projeto
O estilo de engenharia usado na Velha Senhora foi conhecido como "Ponte Tipo Florianópolis" justamente por ser a primeira ponte pênsil com cabos de suspensão formados por barras de olhal. Ela foi fabricada nos Estados Unidos.





11 de fevereiro

Prossigue em bom ritmo a instalação dos canteiros de obras das cabeceras.

Depósitos, alojamentos...

... e a cantina.

Contratamos até agora cerca de cinquenta operários, a maioria gente não especializada. Tenho tabulado de manhã à noite, saindo do trapiche às sete horas e retornando ao anoitecer.



É carnaval.

Baliques!

Posseiros!

Maldita festa primitiva, imbecil e perversa!



Esta terra não é tão feiosa.

Tem água encanada, rede de esgoto e telefone. É melhor que minha terra natal.



Quê?

Água nele!

A cidade é bastante montanhosa, com alguns sobrados na parte central, de dois a três pavimentos, mas a maior parte é de construções térreas.

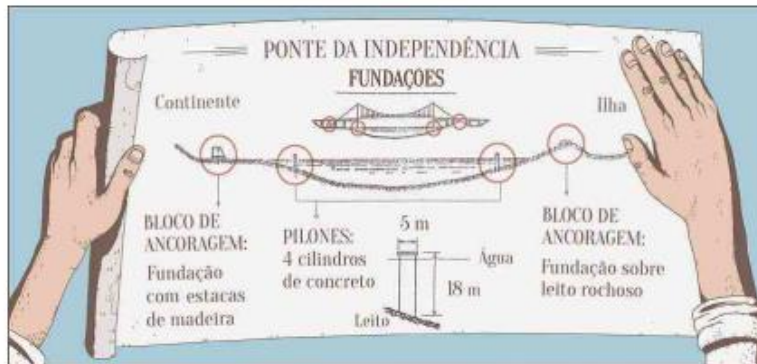


Muito me admirou encontrar um templo presbiteriano!



Escapei.

Essa canção... Como na minha adolescência...



O projeto

As fundações da estrutura consumiram 29 mil barricas de cimento de 180 quilos, todas vindas da Dinamarca.



20 de julho

...Folgo em registrar a conclusão das fundações da ponte.

Construiremos ao todo 14.350m³ de concreto, empregando 29 mil barricas de cimento, com 180 kg cada.

Para os pilares submersos, estamos usando cimento especial resistente à corrosão salina.

... No último domingo fiz novo passeio pela cidade, em um bondinho puxado a burros, pachormentos como os habitantes desta terra.

... Eram tão fortes as subidas atarrapadas que o bonde mal progredia. Achei engraçada a impaciência de certos passageiros que abandonavam a viatura e seguiam a pé, retomando-a no alto das ladeiras.



Confesso que sou um ser solitário, porém tenho a impressão que começo a sentir falta de uma amizade, um confidente teal, uma mulher inteligente e honesta (?)... Parece-me também que um pouco de igreja me preencheria certo vazio de alma, já que minhas devoções particulares não conseguem amenizar de todo.

ANO DOIS 1924

Para fugir à melancolia de uma solitária passagem de ano - embora alguns companheiros me convidassem para o Réveillon num dos clubes da cidade - transpuz a noite do Ano-Novo participando de um culto de vigília evangélica.



Entrevou-me a voz feminina de timbre cristafino e aveludado que venho distinguindo dentre o coro dos congregados parabolitanos.



Em vez de orar, demorei-me de olhos espertos a contemplá-la.

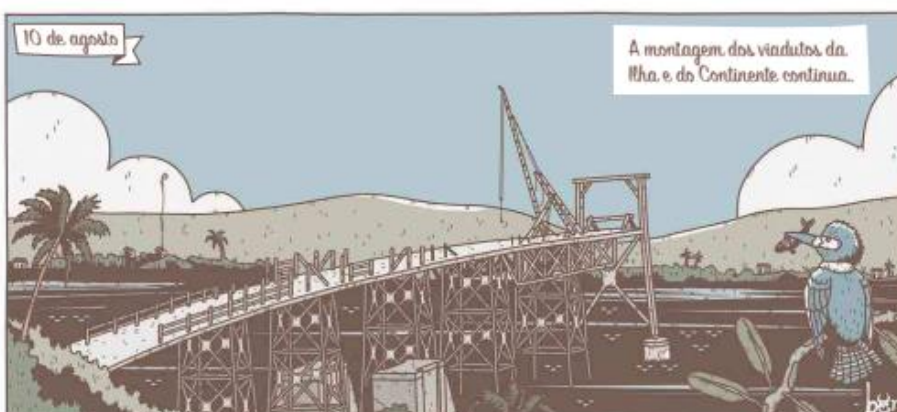


(*) Nota NSC:

O vento sul é também o mais frio dos ventos da Mha. Costuma vir forte, mas acalma três dias antes e depois das marés das luas nova e cheia, para recrudescer na vazante. Quando o tempo é ruim, sopra forte e limpa o céu.



O que pretendi mesmo foi refugiar-me, alhear-me do alarido, das batucadas, do barbarismo inquietador das explosões momecas sob a minha janela.



Tudo o serviço vem se desenvolvendo sem maiores problemas. O problema para mim é Luísa Ana... Desde a noite do teatrinho, não me sai do pensamento sua imagem meiga. Apreciei a peça em si, o folclore, os bailados. Confesso que começo a olhar de modo menos severo essa gente sul-americana.

ANO TRÊS 1925

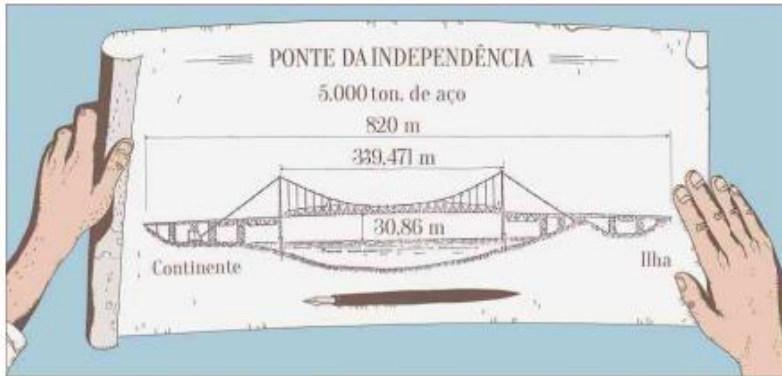


As barras de ohta garantirão a estabilidade da ponte, suportando toda a carga permanente do vão central.

Folgo em anotar que operários já fazem a travessia desse espaço intermediário, inaugurando a seu modo a passagem entre a ilha e o continente.

Quanto à Luísa Ana, principiamos uma espécie de namoro. O comportamento dos homens, cá no Brasil, é de um provincianismo característico. É peculiar, coçam as partes sem o menor pudor, na maior naturalidade... E assobiam para as moças e largam gracejas grosseiras. Além da mandriagem que se vê pelas praças, cais, por todo canto.



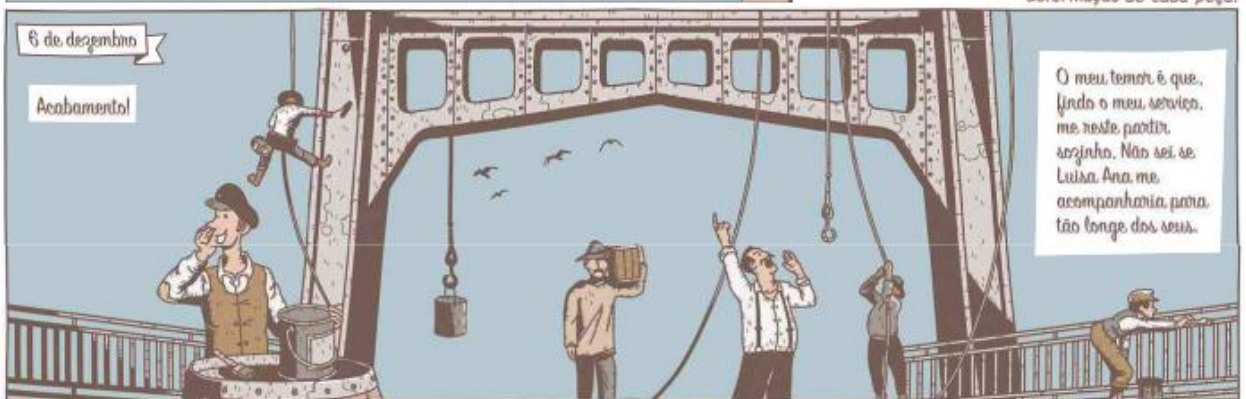


A nossa grandiosa obra caminha aceleradamente para a finalização com os trabalhos de atremente. Assentamento, pilas, grades laterais e pintura geral (*), traçado definitivo e execução das vias de acesso.

Nossa missão chega ao fim.

(*) Nota NSC:

Originalmente, a ponte foi pintada da cor preta. Na reforma, os técnicos alteraram o tom para cor clara, que reflete a luz solar, diminuindo a absorção de calor, e, consequentemente, a amplitude da deformação de cada peça.



ANO QUATRO 1926

A ponte só não foi inaugurada no ano anterior porque o governo decidiu submetê-la a inspeção por engenheiros brasileiros antes de entregá-la ao tráfego.



Escrevo este apontamento da varandinha de nossa casa na Praia de Fora, olhando o mar embraseado e batido pela carga d'água forte e incessante. E dizer que está marcada para amanhã a inauguração da nossa ponte...



(*) Nota NSC:

O aguaceiro não parou, mas a festa de inauguração ocorreu sob a chuva insistente, atraindo os moradores dos quatro cantos de Florianópolis, que vieram atravessar a ponte a pé, cavato, carros e ônibus.

Vale lembrar que, em função da morte do governador, a Ponte da Liberdade acabou sendo batizada como Hercílio Luz.

Enquanto ainda namoravam, por insistência de Luisa Ana, Patrick escreveu e reatou os laços com a família. No sábado posterior à inauguração, embarcaram para São Paulo e, de lá, zarparam para New Orleans, onde se reencontraram pessoalmente e puderam conhecer a nora brasileira.

Luisa Ana foi professora e passou a lecionar a partir de março de 1925 no grupo escolar Lauro Müller, no Centro de Florianópolis. Para o evento, seus alunos ensaiaram um hino em louvor à ponte. Segue a transcrição de parte dos versos:

*Hoje hino a Hercílio Luz
com valor e vigor entoamos:
o que a arte e a ciência produz
acabado e perfeito hoje vemos.*

*Bela ponte firmada na terra
vais te erguendo garbosa nos ares,
és lembrança feliz desta era,
ligas terras, dominas os mares!*

DC Revista e AN Revista (28/12 /2019 a 03/01/2020)
TechSC (Fabrício Vitorino)
"Decathlon solar"

Solar Decathlon Latino America / Competição / Alunos / IFSC / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Habitações sustentáveis / Energia
solar

DECATHLON SOLAR

➤ Após dois anos de competição, alunos do IFSC, juntamente com representantes da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), venceram o Solar Decathlon Latino America, disputado em Cali, na Colômbia. A competição visa a construção de habitações sustentáveis, usando apenas energia solar. Mais info em bit.ly/SDLAC.

CLIPPING DIGITAL

28/12/2019

FIM DE ANO Adrenaline: nossa Retrospectiva e a revelação do poty 2019

Entenda o impacto do Juiz das Garantias no Processo Penal, por Aury Lopes Jr. e Alexandre Morais da Rosa

Manchete nos Jornais deste Sábado, 28 de Dezembro de 2019

Comienza a funcionar el proyecto Cowork: Innovación y desarrollo

Natalhia Britos presenta Sambafunk

Em Florianópolis, passeio por fortificações históricas é alternativa à praia

29/12/2019

Com Bolsonaro, Educação de Jovens e Adultos tem menor investimento da década

BNCC atrasada, Future-se sem prazo e os embates do ministro: o ano da educação em 10 pontos

Udesc chega ao fim de 2019 nos principais rankings nacionais e internacionais de excelência

Educação de Jovens e Adultos tem, em 2019, o menor investimento da década